



# Atas do I Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal

13-15 de março de 2013  
FCSH-UNL  
Vol. I

Coordenação: António Simões do Paço, Cátia Teixeira, Paula Godinho, Raquel Varela e Virgílio Borges Pereira

Instituto de História Contemporânea



Título: *Atas do I Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal*, 13-15 de março de 2013, FCSH-UNL, Vol. I.

Coordenação: António Simões do Paço, Cátia Teixeira, Paula Godinho, Raquel Varela e Virgílio Borges Pereira

Revisão: Paula Paço

Fotografia da capa: © Centro de Estudos Operários – Memória Laboral

Edição: Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

ISBN: 978-972-96844-6-3

Lisboa, Abril de 2016

*Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/HIS/04209/2013.*

## Uma geografia da Lisboa operária em 1890

Ana Alcântara<sup>1</sup>

1) No final do século XIX a sociedade portuguesa atravessou uma série de mutações económicas, sociais e políticas, impulsionadas entre outros fatores pelo desenvolvimento industrial. No entanto, as primeiras mudanças fizeram-se sentir essencialmente na cidade de Lisboa onde, neste período, se concentrava mais de 7% da população portuguesa<sup>2</sup>.

O forte crescimento demográfico da cidade de Lisboa neste período fez-se largamente à custa do incremento da classe operária, resultado de uma forte migração proveniente do país rural em direção à capital. Consequentemente, a população que dependia do sector industrial passou a ter uma relevância social e política nunca antes alcançada.

Privilegiar-se-á neste trabalho a perspetiva espacial, assumindo-se o espaço urbano também como uma construção social<sup>3</sup> que é transformada pelas práticas e perceções quotidianas dos atores que nele interagem<sup>4</sup>. Recorremos à construção de um Sistema de Informação Geográfica (SIG)<sup>5</sup> que nos permitiu a construção de cartografia digital pormenorizada da localização e caracterização das fábricas e oficinas lisboetas patentes no *Inquérito Industrial de 1890*.

Este *Inquérito Industrial* é uma importante fonte para o conhecimento da realidade industrial, laboral, tecnológica e económica deste período. Os dados referentes às fábricas de Lisboa são de tal forma detalhados que permitem não só estudar a localização dos estabelecimentos industriais ao nível da rua mas também obter informação relativa à sua caracterização (como número de trabalhadores, sector de produção, número de máquinas a vapor e quantidade de energia utilizada).

Este texto resulta assim do trabalho preliminar de recolha, análise estatística e espacial dos dados relativos ao sector secundário do concelho de

---

<sup>1</sup> IHC-UNL. A autora beneficia de uma bolsa de doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia [SFRH/BD/84489/2012].

<sup>2</sup> Rodrigues, 1995; Silveira, Alves, Lima, Alcântara, Puig-Farré, 2011.

<sup>3</sup> Lefebvre, 2007.

<sup>4</sup> Thompson, 1966.

<sup>5</sup> Gregory, Ell, 2007; Silveira, Alves, Lima, Alcântara, Puig-Farré, 2011.

Lisboa, contidos no *Inquérito Industrial de 1890*. E a partir do traçar de um retrato (cartográfico) de conjunto da cidade industrial e operária, pretende alcançar uma caracterização da implantação industrial na cidade de Lisboa, neste período de charneira entre a Lisboa do liberalismo e a Lisboa republicana.

2) Ao desenvolver uma investigação em torno da implantação industrial e operária na cidade de Lisboa, na última década do século XIX, é necessário ter em linha de conta uma série de abordagens relativas à história económica, história de Lisboa, história operária e história urbana, assim como a utilização da análise espacial em investigação histórica.

A historiografia portuguesa produziu investigações essenciais sobre a evolução económica de Portugal, dando particular ênfase à forma como na segunda metade do século XIX a difusão tecnológica e dos novos métodos de produção e de transporte impuseram diferenças regionais no desenvolvimento industrial. Lisboa ocupou aqui um lugar de destaque, não só porque era o maior aglomerado urbano, mas também porque, conjuntamente com Porto e Covilhã, foi das poucas concentrações industriais do País.<sup>6</sup>

A ideia de que o surgimento de estabelecimentos industriais de grande envergadura em número de trabalhadores e tecnologia moderna – a grande indústria – no século XIX, no contexto português, representava “uma ilha de modernidade incrustada num mar artesanal”<sup>7</sup> vai ao encontro do que a bibliografia estrangeira revela sobre o desenvolvimento industrial deste período.

Paul Bairoch define o século XIX como crucial na história da Europa, já que marca “o momento de transição entre sociedades tradicionais e o mundo desenvolvido”.<sup>8</sup> Tendo em conta que o processo de industrialização não se deu de forma e ritmo similares nos vários países europeus, este autor, quando os hierarquiza segundo o seu grau de desenvolvimento, coloca Portugal no último grupo juntamente com Espanha, Grécia, Bulgária, Finlândia e Rússia.<sup>9</sup> Este grupo de países periféricos da Europa tem como denominador comum uma evolução industrial bastante tímida no período anterior ao início da I Guerra Mundial. Tal “não significa, contudo, que o desenvolvimento moderno não

---

<sup>6</sup> Cabral, 1988; Justino, 1988-1989; Lains, Silva, 2005; Reis, 1993; Silveira, Alves, Lima, Alcântara, Puig-Farré, 2011.

<sup>7</sup> Mónica, 1986, p.13.

<sup>8</sup> Bairoch, 1988, p. 217 (tradução livre).

<sup>9</sup> Bairoch, Goertz, 1986; Bairoch, 1988.

tenha atingido estes países”<sup>10</sup>. Porém, foi mais lento e tardio que o ocorrido nos restantes Estados europeus.

No caso português, a indústria de final de Oitocentos, embora com bastantes problemas e um ritmo lento<sup>11</sup>, foi “um sector que conheceu um crescimento tendencialmente positivo e sustentado”<sup>12</sup>, consequência fundamental do desenvolvimento e diversificação da grande indústria prioritariamente na cidade de Lisboa, mas também na grande dispersão e articulação entre o trabalho desenvolvido nas pequenas oficinas ou mesmo no domicílio e a produção industrial moderna, sobretudo no Porto e Covilhã.<sup>13</sup>

Sobre a cidade de Lisboa há uma série de sínteses gerais sobre a sua evolução demográfica<sup>14</sup>, industrial<sup>15</sup> e urbanística<sup>16</sup>, assim como obras fundamentais que procuram abarcar toda a sua evolução histórica ao longo dos tempos.<sup>17</sup> Nestes últimos textos a cidade, na segunda metade do século XIX, é retratada como “a enorme cabeça de um país definhado”<sup>18</sup> que vive um período de transição do seu perfil socio-urbanístico.

De facto, no final desta época existiam inúmeros estabelecimentos industriais e as oficinas de produção manufatureira em Lisboa, concentrando-se sobretudo ao longo do Tejo.<sup>19</sup> No Beato e Xabregas concentravam-se essencialmente os armazéns de vinho, fábricas de tabaco, algodoeiras e moagens, na Boavista, as fundições e fábricas de pregaria, na zona de Alcântara, Santo Amaro e Calvário, as fábricas têxteis, de curtumes, de faiança, serralharias e fundições<sup>20</sup>.

A multiplicidade de realidades, tanto em termos sectoriais como de dimensão, que caracterizava a concentração industrial na Lisboa do final do século XIX<sup>21</sup> está espelhada numa série de estudos de carácter mais circunscrito publicados nos últimos anos tanto por historiadores, sociólogos como por

---

<sup>10</sup> Bairoch, 1988, p. 259 (tradução livre).

<sup>11</sup> Reis, 1987.

<sup>12</sup> Lains, Silva, 2005, p. 279.

<sup>13</sup> Justino, 1988-1989; Mata, 1999; Pereira., 2001; Reis, 1993.

<sup>14</sup> Rodrigues, 1995.

<sup>15</sup> Custódio, 1994; Mendes, Rodrigues, 1999.

<sup>16</sup> Barata, 2010; Ferreira, 1987; Salgueiro, 1992.

<sup>17</sup> Couto, 2006; Moita, 1994; Pinheiro, 2011.

<sup>18</sup> Couto, 2006, p. 227.

<sup>19</sup> Custódio, 1994.

<sup>20</sup> Folgado, Custódio, 1999.

<sup>21</sup> Cabral, 1988; Justino, 1988-1989; Mendes, Rodrigues, 1999; Mónica, 1986.

antropólogos<sup>22</sup>. Sente-se, todavia, falta de uma análise de conjunto sobre a indústria e a população fabril centrada na última década do século XIX – momento de grandes alterações tanto urbanísticas como sociais.<sup>23</sup>

Embora com o principal enfoque no operariado do início do século XX, o “advento do movimento reivindicativo”<sup>24</sup>, Villaverde Cabral identifica, no livro *Portugal na Alvorada do Século XX (...)*, a última década do século XIX como o período onde os trabalhadores fabris e das grandes indústrias manufatureiras se viram juridicamente reconhecidos como parte da sociedade, ao ser publicada a primeira legislação específica de regulamentação do seu trabalho<sup>25</sup>. Assim, o autor identifica o período entre 1892 e 1902 como o da “difusão da grande indústria”<sup>26</sup>, quando o crescimento e concentração da força de trabalho disponível, a aglomeração de estabelecimentos industriais e manufatureiros e o desenvolvimento urbano criaram as condições potenciadoras da proletarização da força de trabalho operária na zona de Lisboa.

Os historiadores têm, na sua maioria, os focos principais da sua atenção nas explicações das mudanças ocorridas ao longo do tempo e nas questões ligadas à cronologia, sendo o “tempo” a característica mais definidora da sua disciplina. E, em geral, a historiografia continua a debruçar-se sobre a evolução política, social, cultural, económica, sobre as relações e ações humanas como se as dimensões espaciais desses fenómenos não fossem relevantes.

No entanto, “o passado não pode existir no tempo: somente no espaço”.<sup>27</sup> As considerações de Ethington – uma reflexão muito completa e pertinente tanto em termos históricos como conceptuais – sobre o papel das metáforas espaciais e conceitos na compreensão do tempo histórico conduzem-nos à perceção de que o espaço e o tempo estão tão intimamente entrelaçados, que o conhecimento do passado só é alcançado se não se isolar um deles. Ou seja, que o posicionamento de toda a ação humana pressupõe localizações num determinado espaço-tempo que se materializa num “lugar” da história.<sup>28</sup>

O território é um elemento indispensável ao entendimento das relações sociais e humanas. Como tal, a utilização dos SIG como ferramenta de

---

<sup>22</sup>Brás, 2004; Cordeiro, 1997; Durão, 2003; Freire, 1992.

<sup>23</sup>Mata, 1999; Mónica, 1986; Rodrigues, 1995, Silva, 1994.

<sup>24</sup>Cabral, 1988, p. 75.

<sup>25</sup>Decretos de 10 de Fevereiro e 7 de Agosto de 1890, de 14 de Abril de 1891 e de 16 de Março de 1893.

<sup>26</sup>Cabral, 1988, p. 168.

<sup>27</sup>Ethington, 2007, p.465 (tradução livre).

<sup>28</sup>Ethington, 2007, p. 487.

investigação histórica permite novas perspetivas de conhecimento dos processos históricos ao relacioná-los com a sua localização no espaço.

Observando o espaço público como uma construção social que se transforma pelas vivências quotidianas,<sup>29</sup> a cidade não pode ser entendida como um aglomerado de pessoas e edifícios, já que as práticas/percursos dos grupos produzem espacialidades específicas. Importa retratar, também, os modos e espaços onde e como a população operária se apropriou da capital e, assim, conhecer a Lisboa industrial que se estendia entre Marvila e Alcântara e se misturava com a cidade antiga.

3) Em 1890 o Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria levou a cabo um levantamento dos estabelecimentos fabris e manufactureiros em atividade em Portugal. Deste levantamento resultou o *Inquérito Industrial de 1890* que, por conter informações relativas aos nomes das empresas, sua localização (freguesia e/ou concelho e, nalguns casos, o lugar e até a morada completa), ramo de produção a que se dedicam, valores pagos pela matéria-prima, tipo de energia utilizada, motores usados e energia despendida (em cavalos-vapor), assim como o número de operários empregados (caracterizados em termos de sexo, faixa etária e alfabetização) e respetivas remunerações constitui uma valiosa fonte para o estudo das unidades industriais portuguesas da época.

O concelho de Lisboa é aquele que com mais pormenor foi inventariado no *Inquérito de 1890*, já que para a “grande indústria” (fábricas com mais de 5 trabalhadores) identificou e inventariou individualmente fábricas e oficinas.

Apesar das “muitas contrariedades”<sup>30</sup> [na recolha das respostas ao *Inquérito*], esta fonte alcança o universo industrial lisboeta em toda a sua heterogeneidade, ao ter tido em conta não só as fábricas e oficinas mas também o trabalho industrial e manufactureiro feito no domicílio e em pequeníssimas oficinas.

Em termos de análise espacial, os dados referentes à “grande indústria” lisboeta permitem uma desagregação da informação referente às fábricas ao ponto de termos identificada a rua e número da porta onde estas se localizavam. O que possibilita não só inferir a implantação territorial dos estabelecimentos fabris e oficinas, como analisar as bolsas industriais urbanas

---

<sup>29</sup> Lefebvre, 2007.

<sup>30</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, vol. IV, p. 305.

tendo em conta a dispersão/concentração dos sectores produtivos, das bolsas de trabalho operário e maquinaria e energia empregues.

Com base nestas informações, ao longo deste texto, procurar-se-á encontrar respostas a questões como: onde estavam localizadas as fábricas? Existia um padrão espacial para a localização dos diferentes setores industriais? Quais foram as indústrias que ocuparam a área central da cidade e quais ocuparam os novos espaços urbanos? Como se distribuía o operariado pelos diferentes sectores de produção então existentes? Qual a dispersão da máquina a vapor?



Fig.1 – Localização das fábricas (*Inquérito Industrial 1890*)

Assim, a partir dos dados contidos no *Inquérito Industrial*, construiu-se uma base de dados e um SIG que possibilitaram a construção de uma cartografia digital da cidade, com a identificação e georreferenciação de cada estabelecimento industrial com pelo menos 5 operários. A cada fábrica foi associada informação relativa à sua caracterização, tal como o número de trabalhadores, o sector de produção, o número de máquinas a vapor e quantidade de energia utilizada. A partir da cartografia produzida foi possível fazer uma análise espacial da distribuição industrial e uma caracterização dos locais de trabalho dos operários lisboetas de 1890.

Numa primeira análise reconhece-se, ao observar o mapa da figura 1, a grande dimensão do pólo fabril de Alcântara onde, pela localização dos estabelecimentos industriais, se “lê” o traçado e a importância da ribeira de Alcântara no desenvolvimento industrial desta zona da cidade. Por outro lado, constata-se algo que não surge no que foi escrito até aqui sobre a dispersão industrial na capital: uma grande concentração de fábricas e oficinas no centro da cidade.



Fig. 2 – Pormenor da Baixa e zona histórica de Lisboa

Quando analisamos em pormenor a zona histórica, torna-se ainda mais evidente a grande concentração de pólos de produção que se localizavam na Baixa pombalina (figura 2). Sendo que na Rua do Ouro se concentravam essencialmente fábricas de confecção de vestuário, de gravatas, de calçado e no Rossio se inventariaram duas fábricas de chapéus, uma de luvas e uma cestaria.

Na Rua de São Paulo concentravam-se oficinas de metalurgia e mecânica e a produção de canastras e cestos. E, como até ainda há muito poucos anos, na zona do Bairro Alto encontravam-se as tipografias e litografias. A zona do Martim Moniz e Rua da Palma caracterizava-se por uma convivência bastante heterogénea de diferentes tipos de produção, havendo “um pouco de tudo”, desde tipografias, padarias, confeitarias, produção de azeite e vinho, fábricas de

móveis de ferro e de madeira, etc. Ou seja, a concentração fabril e oficial nestas zonas históricas da cidade era abundante e diversificada.

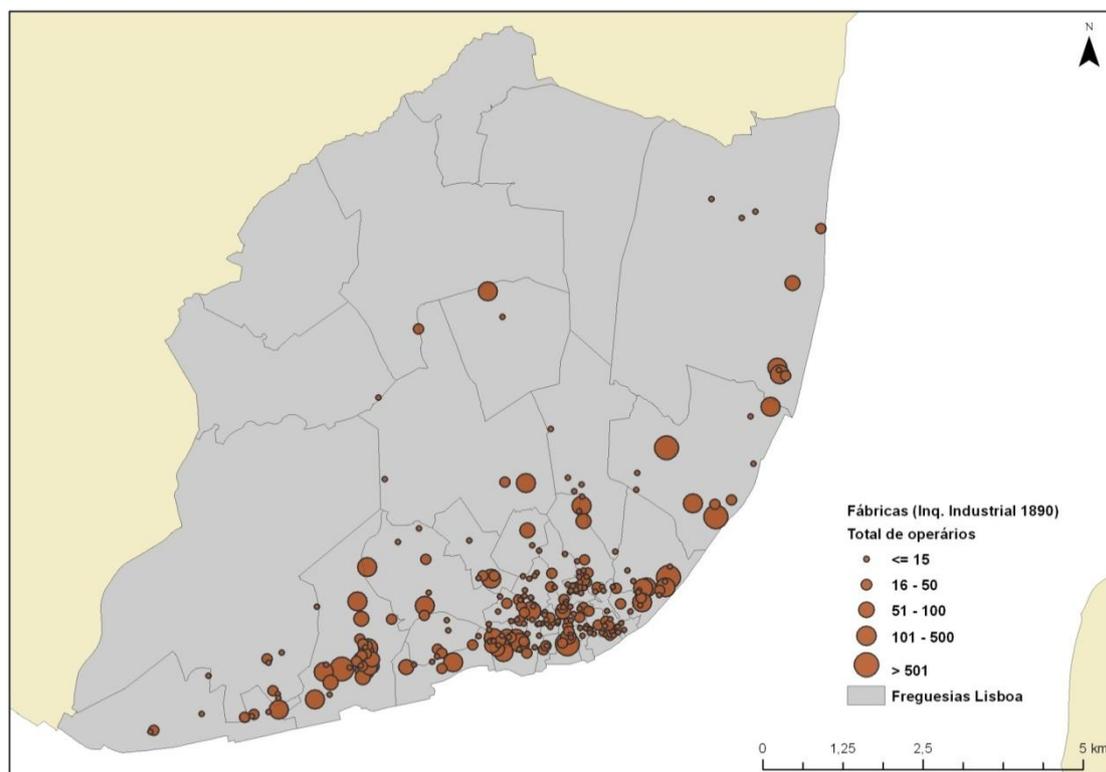


Fig. 3 – Fábricas por número de operários

Responderam ao *Inquérito Industrial de 1890* 259 fábricas e oficinas da cidade de Lisboa com mais de 5 trabalhadores, onde trabalhavam um total de 15 349 operários.

Ao examinarmos estas fábricas na sua dimensão, em número de operários que nelas trabalhavam (figura 3), constatamos que os estabelecimentos com menos trabalhadores (5) eram uma oficina de cestaria em Belém e uma marcenaria na Rua da Palma, enquanto a fábrica com mais operários era a Fábrica Lisbonense de Tabacos, em Santa Apolónia, com 2067.

Verifica-se, deste modo, que os sectores com mais operários eram o dos têxteis, de que falarei adiante, e dos tabacos. Das 5 empresas com mais de 500 operários, 2 são de tabacos (a Fábrica de Xabregas e a Lisbonense), 2 de têxteis, nomeadamente algodão (a Fábrica Samaritana de Algodão e a Companhia Lisbonense de Fiação), e o Arsenal da Marinha.

A figura 3 espelha com clareza que os estabelecimentos com mais trabalhadores se espalhavam essencialmente nas novas zonas de desenvolvimento industrial: a zona ocidental, de Alcântara, e a zona oriental, de Xabregas. Mas também a norte, embora com menor densidade, na zona do Campo Grande – representada com a Fábrica de Lanifícios do Campo Grande.

Contudo, é de salientar que, embora houvesse no centro da cidade, na zona histórica e mais antiga da cidade, uma maior concentração de fábricas e oficinas de menores dimensões, também lá existiam estabelecimentos com bastantes operários, de que é exemplo o já citado Arsenal de Marinha.

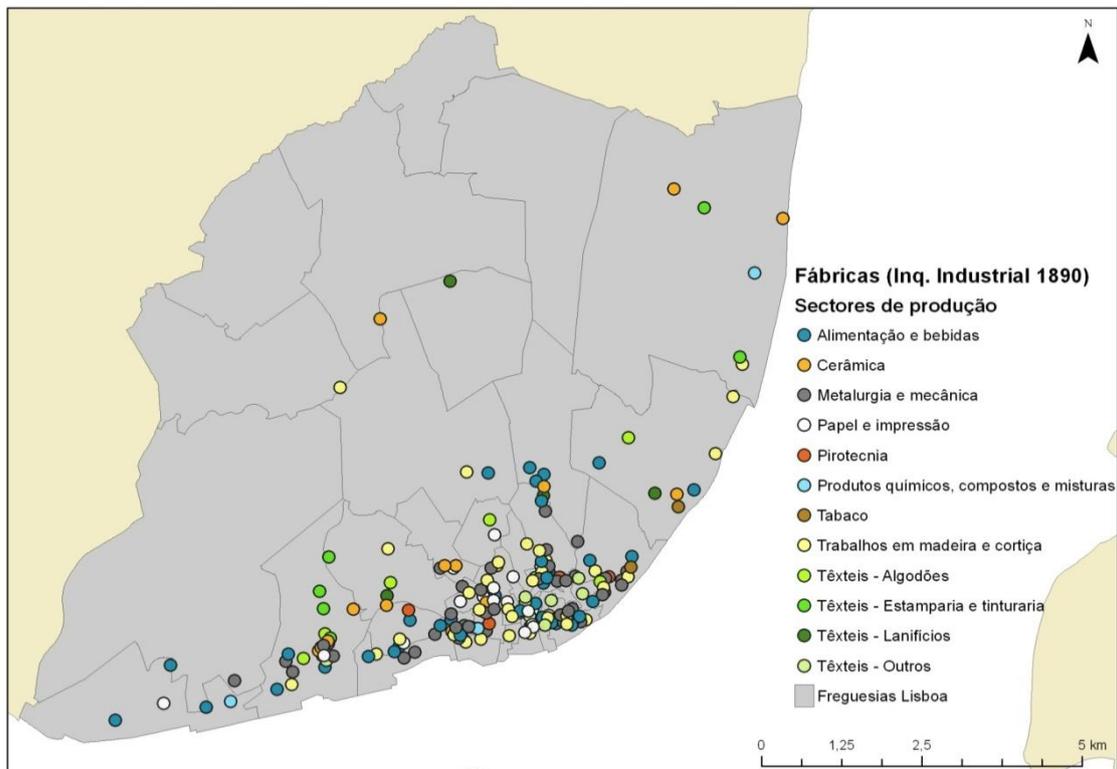


Fig. 4 – Fábricas por sector industrial

A análise espacial das fábricas e oficinas dos sectores de produção industrial com mais operários na Lisboa desta época<sup>31</sup> revela uma implantação territorial dos sectores industriais com três tipos de padrões: um padrão de dispersão pelo tecido urbano; um padrão que denota uma certa centralidade; e um outro padrão que se centra nos limites urbanos da cidade.

Os estabelecimentos que se dedicavam a trabalhos em madeira e cortiça (a amarelo na figura 4) e os do sector de alimentação e bebidas (a azul escuro na figura 4), onde se incluem as fábricas de conservas, de bolachas, de cerveja, de

<sup>31</sup> Foram considerados os nove sectores de produção industrial que empregavam mais de 2% dos operários registados no *Inquérito Industrial de 1890*. Assim, quanto à percentagem de operários a trabalhar em cada um dos sectores de produção, a hierarquia de importância era a seguinte: o dos têxteis empregava 25% dos trabalhadores; o dos tabacos, 17%; o dos trabalhos em madeiras e cortiça, 15%; o da metalurgia e mecânica, 14%; o da alimentação e bebidas, 7%; o do papel e impressão, 6%; o da produção de químicos, 3%; o da pirotecnia, 2,6%, e o da cerâmica, 2,6%.

produção de azeite, de vinho, confeitarias e panificadoras entre outros, estavam bastante dispersos pelo território lisboeta. Esta realidade faz sentido, sendo que estes são os sectores de produção que vivem da proximidade com os consumidores/clientes, como é o caso, por exemplo, das carpintarias e das padarias.

O sector do papel e impressão (a branco na figura 4), que inclui as tipografias do Bairro Alto, e o dos têxteis – outros (representado a verde água na figura 4), que são essencialmente oficinas e lojas de confecção de vestuário, concentravam-se fundamentalmente no centro da cidade e na “elegante” Baixa.

Por último, identifica-se um padrão de implantação industrial nas zonas periféricas. Disto são exemplo sectores que, por questões relacionadas com a disponibilidade de espaço, matérias-primas e/ou salubridade se implantavam nas zonas periféricas da cidade. São estas a produção cerâmica (a laranja na figura 4), as fábricas de têxteis de algodão (a verde claro na figura 4), os lanifícios (a verde escuro na figura 4) e as estamparias e tinturarias (a verde vivo na figura 4) ou a produção de produtos químicos (a azul claro na figura 4).

Um caso à parte era o das oficinas e fábricas ligadas à metalurgia e mecânica (a cinzento na figura 4), que se implantaram em redor do centro tradicional da cidade, nunca entrando nele.

Numa tentativa de identificar bolsas industriais urbanas, tendo em conta a dispersão/concentração dos sectores produtivos, considerámos uma divisão da cidade em três zonas: a ocidental, a central e a oriental. Daqui resultou a constatação de que a diversidade dos sectores de produção é uma constante em todas elas, brotando, no entanto, algumas especificidades e diferenças.

Nas zonas ocidental e oriental situavam-se as grandes fábricas de têxteis de algodão, as estamparias e tinturarias e a produção de cerâmica. Nesta última zona, nomeadamente em Xabregas, concentravam-se as fábricas de tabacos (a castanho na figura 4). A zona central era dominada pelas tipografias e fábricas de produção de papel, para além das confecções de vestuário, de luvas e de chapéus.

Há três sectores que dominam em todo o espaço lisboeta: são eles a alimentação e bebidas, os trabalhos em madeira e cortiça e a metalurgia e mecânica. Embora este último, como já referimos, existisse na zona central, não entrava na Baixa.

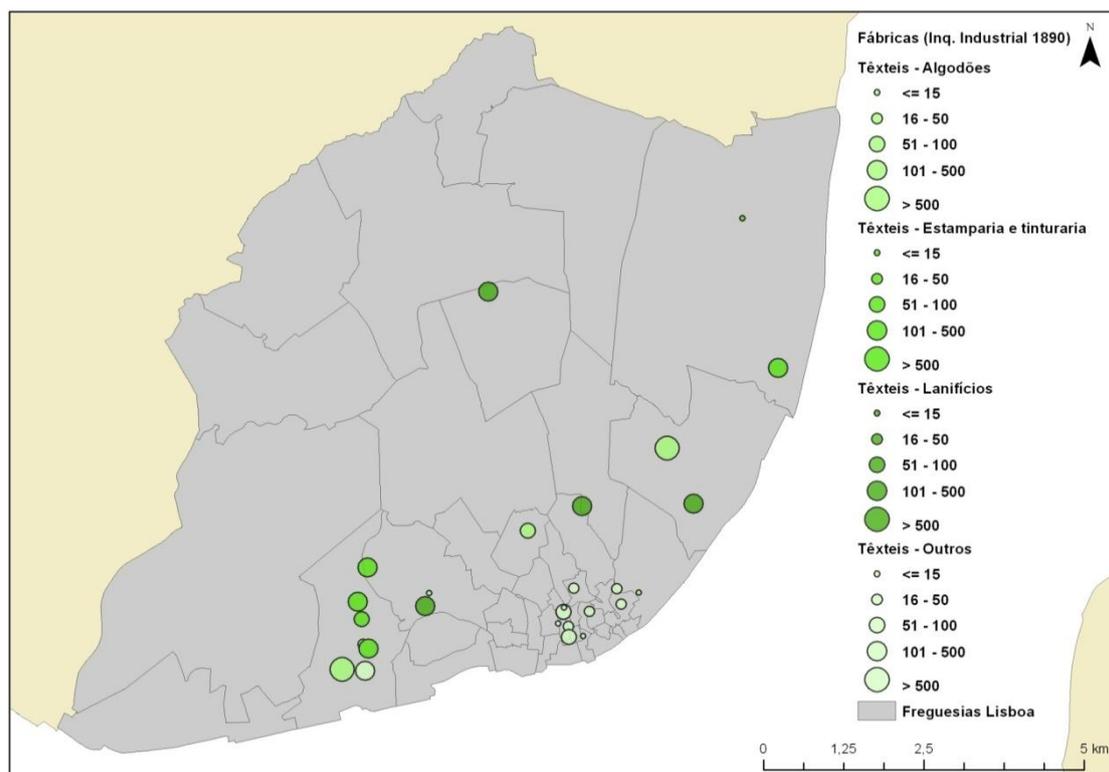


Fig. 5 – Número de operários por fábrica, dos sectores industriais dos têxteis

Ao analisarmos especificamente o sector dos têxteis, onde, segundo os dados do *Inquérito Industrial*, trabalhavam um quarto dos trabalhadores do sector secundário de Lisboa,<sup>32</sup> apuramos que o padrão da implantação territorial destes estabelecimentos reflete a tendência que se observava na globalidade dos sectores de produção. Ou seja, as fábricas com mais de 100 operários encontravam-se afastadas do centro – nos novos pólos industriais que surgem nesta época – e as pequenas fábricas e oficinas existiam fundamentalmente no âmbito da centralidade urbana.

Um facto interessante, já referido anteriormente, a salientar no mapa apresentado na figura 5, é o caso de as fábricas que se situavam na freguesia de Alcântara desenharem o traçado da antiga ribeira de Alcântara e, por outro lado, das oficinas de confecção marcarem o traçado da Rua do Ouro. Estão aqui, de alguma maneira, refletidos os dois espaços industriais desta cidade em final de Oitocentos: a grande indústria que dependia das condições naturais na periferia e as pequenas oficinas e fábricas de ultimização no centro, convivendo com as lojas de modas e os cafés.

<sup>32</sup> É de salientar que 12% do total de trabalhadores industriais registados no *Inquérito Industrial de 1890* (1842 pessoas) estavam ligados à produção de tecidos de algodão.

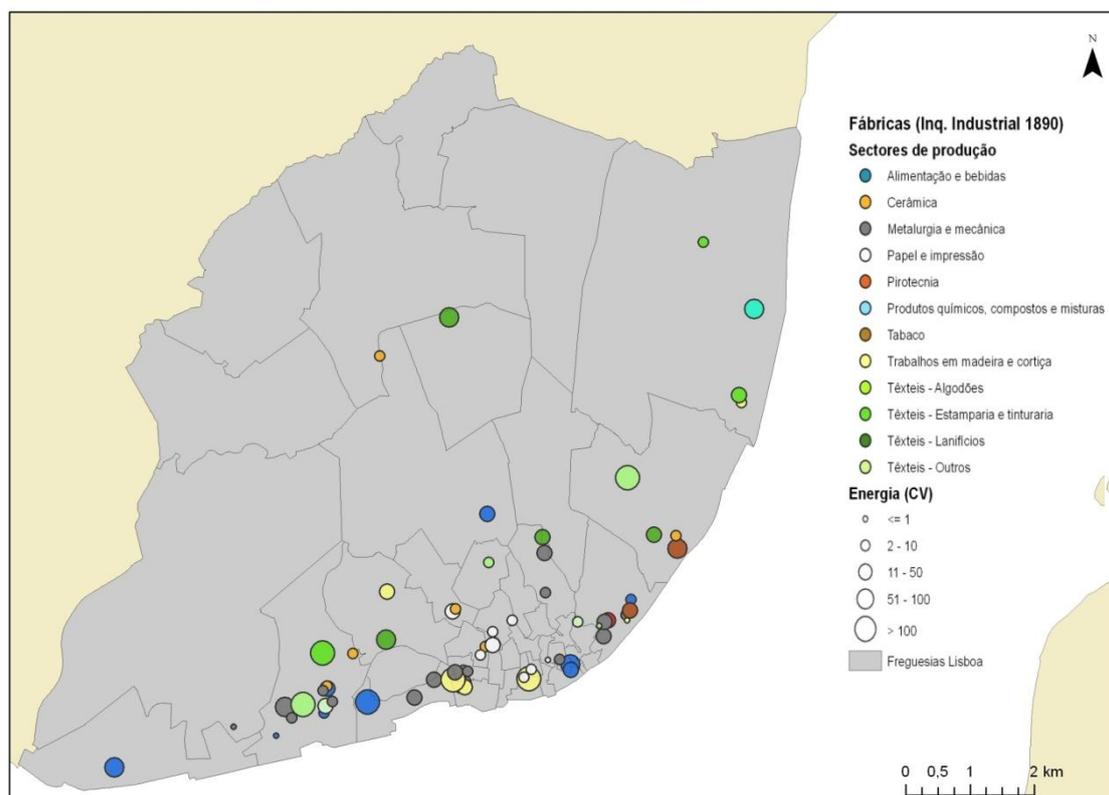


Fig. 6 – Energia utilizada (em CV) por sector industrial (fábricas com máquina(s) a vapor)

O *Inquérito Industrial de 1890* constitui também, tal como já foi exposto, uma fonte importante para a caracterização tecnológica da indústria da cidade de Lisboa neste final de Oitocentos. Permite-nos examinar não só que fábricas utilizavam esta energia na sua produção, mas também as máquinas a vapor que usavam e a quantidade de cavalos-vapor gastos.

Constatamos, neste caso, que todas as 203 máquinas a vapor registadas estavam em fábricas ou oficinas dos nove sectores industriais com maior número de operários que relatámos anteriormente. Sendo que era no sector dos têxteis que o uso do vapor estava mais difundido, nos tabacos, na metalurgia, na alimentação e no sector do papel e impressão muitas fábricas e mesmo pequenas oficinas empregavam esta energia na sua produção (figura 6).

A análise espacial da dispersão da energia do vapor indica-nos que o uso não se circunscrevia aos pólos industriais de Alcântara ou de Xabregas, estando de algum modo difundida por toda a cidade, existindo mesmo nas zonas mais centrais.

4) Este trabalho representa ainda uma abordagem inicial à compreensão da vivência operária em Lisboa no final do século XIX. No

entanto, a análise espacial da implantação industrial, ou seja, dos locais de trabalho dos operários e operárias, permite afirmar que a população proletária não estava só na “Lisboa industrial” de Alcântara ou de Xabregas, junto ao porto e ao caminho-de-ferro ou perto das ribeiras. A classe operária também estava, porque aí trabalhava, na “Lisboa elegante” da Baixa, das lojas, dos cafés e da política.

Assim, uma das características principais da concentração industrial lisboeta deste período era a sua dispersão fabril e oficial. Nos novos pólos industriais das zonas ocidental e oriental da cidade concentrava-se grande parte dos estabelecimentos com mais operários e uma maior utilização da energia do vapor. A zona ocidental, essencialmente Alcântara (da qual se conhecia o grande cariz industrial, com muitas máquinas a vapor), era bastante diversa nos sectores de produção. Predominando, no entanto, as indústrias têxteis, metalúrgica e cerâmica. A zona oriental, de Xabregas, Beato e Madredeus, era neste período particularmente muito especializada nos sectores de produção dos tabacos e dos têxteis.

Mas a Lisboa industrial não era somente constituída por grandes fábricas. As pequenas fábricas ou oficinas com poucos trabalhadores, para além de existirem em grande quantidade, eram muito diversas em termos de produção e disseminavam-se por todo o tecido urbano. Sendo que, por outro lado, também algumas delas utilizavam a energia do vapor, inclusivamente no centro da cidade.

Uma das conclusões mais inovadoras que a análise espacial dos dados deste *Inquérito Industrial* nos revelou foi o retrato de uma zona central muito “industrial”, onde existiam bastantes unidades de produção de pequenas dimensões (ainda que nem todas o fossem), e uma Baixa recheada de oficinas com uma variedade sectorial que não era anteriormente evidente – dominando, ainda assim, as confecções em têxteis e fábricas de chapéus –, detetando-se, inclusivamente, o uso de máquinas a vapor.

Para completar e ir mais longe na análise estatística e espacial dos dados do *Inquérito Industrial de 1890*, a este estudo seguir-se-ão novas investigações e o exame aprofundado do enquadramento histórico destas fontes e do fenómeno do crescimento e da localização espacial do operariado urbano e seus espaços de habitação na Lisboa do final do século XIX.

## **Bibliografia**

Bairoch, Paul, *Cities and Economic Development, From the Dawn of History to the Present*, Chicago, University of Chicago Press, 1988.

Bairoch, Paul; Goertz, Gary, "Factors of Urbanisation in the Nineteenth Century Developed Countries: A Descriptive and Econometric Analysis", *Urban Studies*, XXIII, 4, pp. 285-305, 1986.

Barata, Ana, *Lisboa «caes da Europa». Realidades, desejos e ficções para a cidade (1860-1930)*, Lisboa, Edições Colibri, 2010.

Brás, Rui Manuel, *Formas institucionais e sistemas de valores: as associações de sapateiros de Lisboa, da segunda metade do século XIX ao Estado Novo*, Oeiras, Celta, 2004.

Cabral, Manuel Villaverde, *Portugal na alvorada do século XX. Forças, sociais, poder político e crescimento económico de 1890 a 1914*, Lisboa, Editorial Presença, 1988.

Cordeiro, Graça Índias, *Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997.

Couto, Dejanirah, *História de Lisboa*, Lisboa, Gótica, 2006.

Custódio, Jorge, "Reflexos da industrialização na fisionomia e vida da cidade" in Irisalva Moita (coord.), *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 435-492, 1994.

Durão, Susana, *Oficinas e tipógrafos: cultura e quotidianos de trabalho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003.

Ethington, Philip J., "Placing the past: 'Groundwork' for a Spatial Theory of History", *Rethinking History*, vol. 11, n.º 4, Routledge, 2007, pp. 465-493.

Ferreira, Victor Matias, *A cidade de Lisboa. De capital do Império a centro da Metrópole*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987.

Folgado, Deolinda, Custódio, Jorge, *Caminho do Oriente – Guia do Património Industrial*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

Freire, João, *Anarquistas e Operários (Ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-1940)*, Porto, Edições Afrontamento, 1992.

Gregory, I.; Ell, P. S., *Historical GIS. Technologies, Methodologies and Scholarship*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

*Inquérito industrial de 1890*, Ministério das Obras Públicas, Commercio e Industria, Direcção Geral do Commercio e Industria, Lisboa, IN, 1891.

Justino, David, *A Formação do Espaço Económico Nacional. Portugal 1810-1913*, Lisboa, Vega, 1988-1989.

Lains, Pedro, Silva, Álvaro Ferreira da (org.), *História Económica de Portugal, 1700-2000*, vol. II (O Século XIX), Lisboa, ICS, 2005.

Lefebvre, H., *The Production of Space*, Maiden, Blackwell Publishing, 2007.

Mata, Maria Eugénia, "Indústria e emprego em Lisboa na segunda metade do século XIX", *Ler História*, n.º 37, 1999, pp. 127-146.

Mendes, José M. Amado, Rodrigues, Manuel Ferreira, *História da indústria portuguesa: da Idade Média aos nossos dias*, Mem Martins, Europa-América, 1999.

Moita, Irisalva (coord.), *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994.

Mónica, Maria Filomena, *Artesãos e operários: indústria, capitalismo e classe operária em Portugal (1870-1934)*, Lisboa, ICS, 1986.

Pereira, Miriam Halpern, *Diversidade e assimetrias: Portugal nos séculos XIX e XX*, Lisboa, ICS, 2001.

Pinheiro, Magda, *Biografia de Lisboa*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011.

Reis, Jaime, "A Industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870-1913", *Análise Social*, n.º 96, Lisboa, ICS, pp. 207-227, 1987.

Reis, Jaime, *O Atraso económico português (1850-1930)*, Lisboa, INCM, 1993.

Rodrigues, Teresa, *Nascer e Morrer na Lisboa Oitocentista. Migrações, mortalidade e desenvolvimento*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995.

Salgueiro, Teresa Barata, *A cidade em Portugal: uma geografia urbana*, Lisboa, Edições Afrontamento, 1992.

Silva, Raquel Henriques da, "Os últimos anos da Monarquia. Desenvolvimento urbanístico. Os Novos Bairros" in Irisalva Moita (coord.), *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 405-424, 1994.

Silveira, Luís N. E.; Alves, Daniel; Lima, Nuno M.; Alcântara, Ana; Puig-Farré, Josep, "Population and Railways in Portugal, 1801-1930", *Journal of Interdisciplinary History*, vol. 42, 1, Cambridge, MIT Press, pp. 29-52, 2011.

Silveira, Luís N. E.; Alves, Daniel; Lima, Nuno M.; Alcântara, Ana; Puig-Farré, Josep, "Caminhos-de-ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801-1930" in *Ler História*, n.º 61, pp.7-39, 2011.

- Thompson, E. P., *The making of the English working class*, New York, Vintage Books, 1966.